

WILLIAM MACASKILL

O QUE DEVEMOS AO FUTURO

COMO AS ESCOLHAS DE HOJE
PODEM GARANTIR O AMANHÃ



“UM LIVRO EXTRAORDINÁRIO. WILLIAM MACASKILL
É UM DOS FILÓSOFOS MAIS IMPORTANTES DA
ATUALIDADE, E ESTA É SUA OBRA-PRIMA.”
RUTGER BREGMAN, AUTOR DE *HUMANIDADE*

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

WILLIAM MACASKILL

**O QUE DEVEMOS AO
FUTURO**

**COMO AS ESCOLHAS DE HOJE
PODEM GARANTIR O AMANHÃ**

Tradução

Maria de Fátima Oliva do Coutto

Revisão técnica

Dionatan Tissot

Ramiro Peres

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © William MacAskill, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Copyright da tradução © Maria de Fátima Oliva do Coutto, 2024
Todos os direitos reservados.
Título original: *What we owe the future*

Preparação: Caroline Silva
Revisão: Ana Maria Fiorini e Carmen T. S. Costa
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Renata Spolidoro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

MacAskill, William

O que devemos ao futuro / William MacAskill ; tradução de Maria de Fátima Oliva do Coutto ; revisão técnica Dionatan Tissot, Ramiro Peres. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.
400 p. : il.

ISBN 978-85-422-2924-0

Título original: What We Owe the Future

1. Filosofia 2. Civilização moderna - Previsão 3. Futuro 4. Homem – Extinção I.
Título II. Cotto, Maria de Fátima Oliva do III. Tissot, Dionatan IV. Peres, Ramiro

24-4772

CDD 171.8

Índice para catálogo sistemático:
1. Filosofia



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável de florestas do mundo e
outras fontes controladas

2024

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

CAPÍTULO I

A DEFESA DO LONGOTERMISMO

Os bilhões silenciosos

As pessoas do futuro importam. E podem ser muitas. Podemos melhorar a vida delas.

Esse é um resumo da defesa do longotermismo. As premissas são simples, e não as considero particularmente controversas. Contudo, levá-las a sério significa uma revolução moral – com implicações de longo alcance no que diz respeito à maneira como ativistas, pesquisadores, formuladores de políticas públicas e todos nós deveríamos pensar e agir.

As pessoas do futuro importam, mas raras vezes nos importamos com elas. Elas não votam, não fazem lobby nem concorrem a cargos públicos, então os políticos não têm muitos incentivos para pensar nelas. Tampouco podem barganhar ou negociar conosco, então têm pouca representatividade no mercado. E também não podem expor suas ideias diretamente: não podem publicar tweets, escrever artigos em jornais, ou fazer passeatas nas ruas. Elas são totalmente desprovidas de direitos.

Movimentos sociais anteriores, como aqueles favoráveis aos direitos civis e ao sufrágio feminino, várias vezes buscaram aumentar a influência e o reconhecimento de membros excluídos da sociedade. Para mim, o longotermismo é uma extensão desses ideais. Apesar de não podermos conceder poder político genuíno às pessoas do futuro, podemos ao menos levá-las em consideração. Se abandonarmos a tirania do presente sobre o futuro, podemos agir como curadores, ajudando a criar um

mundo próspero para as próximas gerações. Isso é da máxima importância. Deixe-me explicar o motivo.

As pessoas do futuro importam

A ideia de que as pessoas do futuro importam é senso comum. Afinal, são pessoas. Elas existirão. Elas terão esperanças e alegrias, sofrimentos e arrependimentos, como todos nós. Elas só *ainda* não existem.

Para entender como isso é intuitivo, suponha que estou fazendo uma trilha, deixo cair uma garrafa de vidro no chão e ela se quebra. Agora, suponha que, se eu não catar os cacos, mais tarde uma criança vai se ferir gravemente graças a eles.¹ Ao decidir se devo recolhê-los, importa *quando* a criança se machucará? Devo me importar se isso acontecerá daqui a uma semana, ou uma década, ou um século? Não. Dano é dano, não importa quando ocorra.

Ou suponha que uma praga esteja prestes a infectar uma cidade e matar milhares de pessoas. Você tem o poder de impedir o desastre. Antes de agir, precisa saber quando o surto ocorrerá? A data em si importa? Não. O sofrimento e as vidas em jogo merecem a máxima preocupação, independentemente de quando venha a acontecer.

O mesmo raciocínio se aplica às coisas boas. Imagine algo que você ame; pode ser música ou esporte. Agora, imagine outra pessoa que ama alguma outra coisa com a mesma intensidade. O valor da alegria dessa pessoa desaparece se ela vive no futuro? Suponha que você possa dar a ela ingressos para assistir a um show de sua banda favorita ou a uma partida do seu time de futebol. Para decidir se deve proporcionar isso a ela, precisa saber a data?

Imagine o que as pessoas no futuro pensariam ao nos ver travar esses debates. Veriam alguns de nós argumentando que elas não contam. Mas elas olham para suas mãos; olham para sua vida. Qual é a diferença? Qual é menos real? Qual lado do debate parecerá mais óbvio e lúcido? E qual parecerá mais míope e provinciano?

A distância no tempo é igual à distância no espaço. As pessoas importam mesmo que vivam a milhares de quilômetros de distância. Da mesma maneira, elas são importantes mesmo que vivam milhares de anos à nossa

frente. Em ambos os casos, é fácil confundir distância com irreabilidade, tomar os limites do que podemos ver como os limites do mundo. Porém, assim como o mundo não acaba na soleira de nossa casa ou nas fronteiras de nosso país, tampouco acaba com a nossa geração ou a próxima.

Essas ideias pertencem ao senso comum. Diz um provérbio popular que “uma sociedade se engrandece quando os velhos plantam árvores à sombra das quais jamais se sentarão”.² Quando jogamos fora lixo radioativo, não dizemos “Que diferença faz se isso envenenar pessoas daqui a alguns séculos?”. Da mesma maneira, são poucas as pessoas que se preocupam com as mudanças climáticas ou com a poluição pensando apenas no bem das pessoas existentes hoje. Construímos museus, parques e pontes esperando que durem gerações; investimos em escolas e projetos científicos de longo prazo; preservamos pinturas, tradições, línguas; protegemos lugares bonitos. Em muitos casos, não traçamos limites nítidos entre nossas preocupações em relação ao presente e ao futuro – e ambos estão em jogo.

A preocupação com as futuras gerações é comum a diversas tradições intelectuais. O *Gayanashagowa*, constituição oral da Confederação Iroquesa que data de séculos, contém uma declaração particularmente clara. Ela exorta os Senhores da Confederação a “sempre considerarem não apenas as gerações presentes, mas também as futuras”.³ Oren Lyons, um guardião da fé das nações Onondaga e Seneca, pertencentes à Confederação Iroquesa, expressa esse conceito segundo um princípio da “sétima geração”, dizendo: “Nós... fazemos com que cada uma das decisões que tomamos esteja ligada à proteção e ao bem-estar da sétima geração vindoura... Nós nos perguntamos: isso beneficiará a sétima geração?”.⁴

Entretanto, ainda que você atribua importância às futuras gerações, resta ainda a examinar o peso a dar a seus interesses. Há razões para se preocupar mais com as pessoas que vivem no presente?

Dois pontos se destacam para mim. O primeiro é a parcialidade. Em geral, mantemos relacionamentos mais fortes com as pessoas no presente, como a família, os amigos e os compatriotas, do que com as pessoas no futuro. É de esperar que você possa e deva dar um peso extra aos entes próximos e queridos.

O segundo é a reciprocidade. A não ser que você viva recluso no meio da mata, as ações de um grande número de pessoas – professores,

comerciantes, engenheiros e, de fato, todos os contribuintes – o beneficiam diretamente, e o beneficiaram ao longo de toda a sua vida. Em geral, achamos que, se alguém nos beneficia, devemos retribuir. Mas as pessoas do futuro não o beneficiam da mesma forma que as outras de sua geração.⁵

Relacionamentos próximos e reciprocidade são importantes. Contudo, não alteram o resultado de meu argumento. Não estou afirmando que os interesses das pessoas existentes no presente e no futuro devam sempre e em todas as circunstâncias ter o mesmo peso. Estou apenas afirmando que as pessoas no futuro têm importância significativa. Assim como cuidar melhor de nossos filhos não significa ignorar os interesses de estranhos, cuidar mais de nossos contemporâneos não significa ignorar os interesses de nossos descendentes.

Para ilustrar esse pensamento, suponha que um dia se descubra Atlântida, uma vasta civilização no fundo do mar. Percebemos que muitas de nossas atividades afetam Atlântida. Quando jogamos lixo nos oceanos, envenenamos seus cidadãos; quando um navio afunda, eles reciclam as sucatas metálicas e outros materiais. Não teríamos nenhuma relação especial com os habitantes de Atlântida, tampouco lhes retribuiríamos os benefícios que nos concederam, mas deveríamos pensar seriamente em como nossas ações os afetam.

O futuro é como Atlântida. Ele também é um país vasto e desconhecido;⁶ e sua prosperidade ou declínio depende, em termos expressivos, do que fazemos hoje.

O futuro é grande

Que as pessoas do futuro importam é uma questão de senso comum. Assim como a ideia de que, no âmbito moral, os números importam. Se você pode impedir que uma ou dez pessoas morram em um incêndio, não havendo outros fatores envolvidos, deve salvar as dez; se pode curar cem ou mil pessoas de uma doença, deve curar mil. Isso importa, pois o número de pessoas no futuro poderia ser enorme.

Para entender isso, considere toda a história da humanidade. Há mais de dois milhões e meio de anos existem membros do gênero *Homo*

na Terra.⁷ Nossa espécie, *Homo sapiens*, evoluiu há cerca de trezentos mil anos. A agricultura surgiu há apenas doze mil anos, as primeiras cidades se formaram há apenas seis mil anos, a era industrial começou há 250 anos, e todas as mudanças ocorridas desde então – a transição das carroças puxadas a cavalo às viagens espaciais, das sanguessugas aos transplantes de coração, das calculadoras mecânicas aos supercomputadores – ocorreram ao longo de apenas três gerações humanas.⁸

A HISTÓRIA DO *HOMO SAPIENS*



Figura 1.1. A história do *Homo sapiens*.

EXPECTATIVA DE VIDA DE UMA ESPÉCIE MAMÍFERA TÍPICA

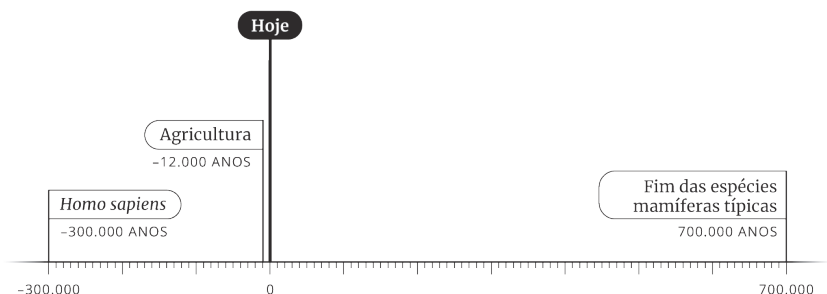


Figura 1.2. O futuro potencial da civilização, caso os seres humanos sobrevivam tanto tempo quanto outras espécies mamíferas, em média, sobreviveram.

Quanto tempo vai durar nossa espécie? Não sabemos, é óbvio, mas podemos fazer estimativas embasadas que levem nossa incerteza em conta, incluindo nossa incerteza quanto a se seremos os responsáveis por nosso próprio desaparecimento.

Para ilustrar a escala potencial do futuro, suponha que duremos apenas tanto quanto as espécies mamíferas típicas – ou seja, cerca de um milhão de anos.⁹ Suponha também que nossa população mantenha o tamanho atual. Nesse caso, ainda faltariam nascer oitenta trilhões de seres humanos, isto é, as pessoas do futuro nos superariam em dez mil para um.

Claro, devemos considerar toda a série de maneiras como o futuro pode se desenrolar. Nossa expectativa de vida como espécie pode ser muito mais reduzida que a de outros mamíferos se causarmos nossa própria extinção. Mas também pode ser muito mais longa. Ao contrário de outros mamíferos, possuímos ferramentas sofisticadas que nos ajudam a nos adaptarmos a contextos variados; o raciocínio abstrato, que nos permite fazer planos complexos e de longo prazo em resposta a novas circunstâncias; e uma cultura compartilhada, que nos permite funcionar em grupos de milhões. Isso nos ajuda a evitar ameaças de extinção impossíveis de serem evitadas por outros mamíferos.¹⁰

Isso gera um impacto assimétrico na expectativa de vida da humanidade. O futuro da civilização pode ser muito curto e terminar em poucos séculos. Mas também pode ser incrivelmente longo. A Terra permanecerá habitável por centenas de milhões de anos. Se sobrevivermos por tanto tempo, com a mesma população por século que temos agora, haverá um milhão de pessoas do futuro para cada pessoa existente hoje. E se a humanidade finalmente deixar a atmosfera terrestre e tomar o rumo das estrelas, essas escalas de tempo se tornam literalmente astronômicas. O Sol continuará a arder por cinco bilhões de anos; as últimas formações convencionais de estrelas ocorrerão dentro de mais de um trilhão de anos; e, em função de um pequeno, mas constante, fluxo de colisões entre anãs marrons, umas poucas estrelas ainda brilharão daqui a um milhão de trilhões de anos.¹¹

A real possibilidade de que a civilização dure tanto tempo dá à humanidade uma enorme expectativa de vida. Se a humanidade tiver 10% de chance de sobreviver por quinhentos milhões de anos até a Terra se

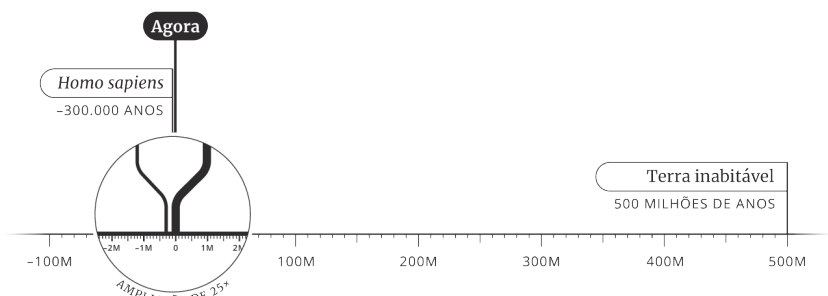


Figura 1.3. Futuro potencial da civilização caso sobreviva até a Terra se tornar inabitável para os humanos devido à crescente luminosidade do Sol. Há uma considerável incerteza quanto a essa janela de tempo, cujas estimativas vão de 500 milhões a 1,3 bilhão de anos.

tornar inabitável, a expectativa de vida será de mais de cinquenta milhões de anos; já 1% de chance de sobreviver até as últimas formações convencionais de estrelas nos proporciona uma expectativa de vida superior a dez bilhões de anos.¹²

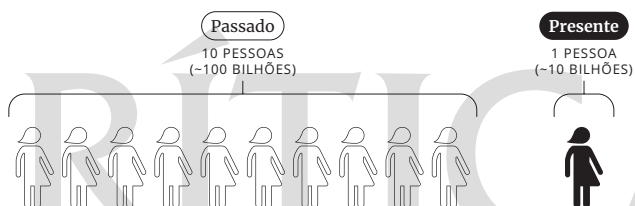
Em última análise, não deveríamos nos preocupar somente com a expectativa de vida da humanidade, mas também com quantas pessoas existirão. Então, devemos nos perguntar: quantas pessoas no futuro estarão vivas em qualquer dado momento?

As populações futuras podem ser tanto muito maiores como muito menores que as atuais. Mas, se a futura população for menor, pode ser, no máximo, uns oito bilhões menor – isto é, o tamanho da população atual. Em contrapartida, caso seja maior no futuro, pode ser muito maior. A atual população mundial já excede em mais de mil vezes a da era dos caçadores-coletores. Se a densidade da população global chegasse à dos Países Baixos – um exportador agrícola –, haveria setenta bilhões de pessoas em qualquer dado momento.¹³ Pode parecer fantástico, mas, para um caçador-coleto da era pré-histórica ou um dos primeiros agricultores, uma população mundial de oito bilhões também teria parecido fantástica.

O tamanho da população poderia voltar a crescer de forma excepcional se um dia chegássemos às estrelas. Nosso Sol produz bilhões de vezes mais luz solar que o suficiente para iluminar a Terra; há dezenas de bilhões de outras estrelas em nossa galáxia, e bilhões de galáxias nos são acessíveis.¹⁴ Portanto, pode haver muito mais gente no futuro distante do que nos dias atuais.

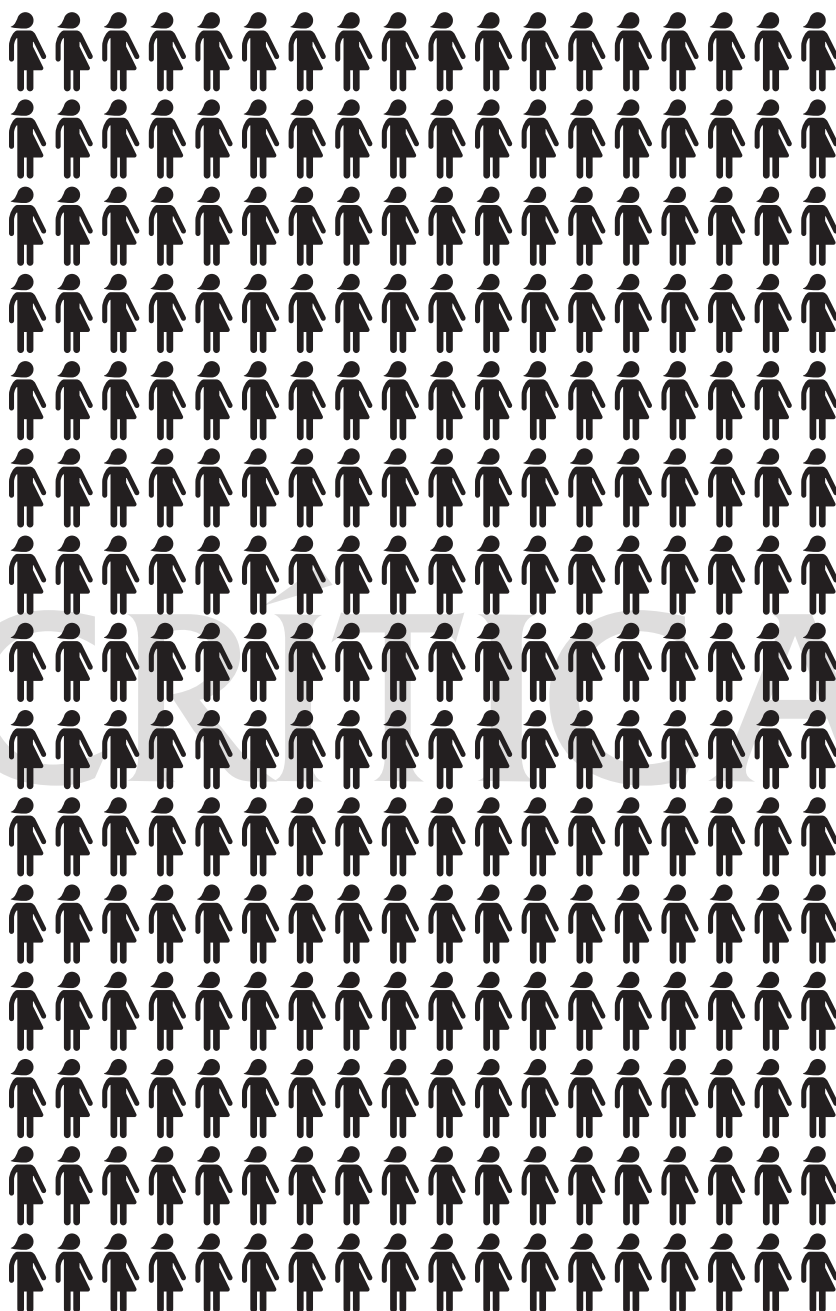
Mas quanto exatamente? Estimativas precisas são impossíveis e desnecessárias. Em qualquer cálculo razoável, o número é extraordinário.

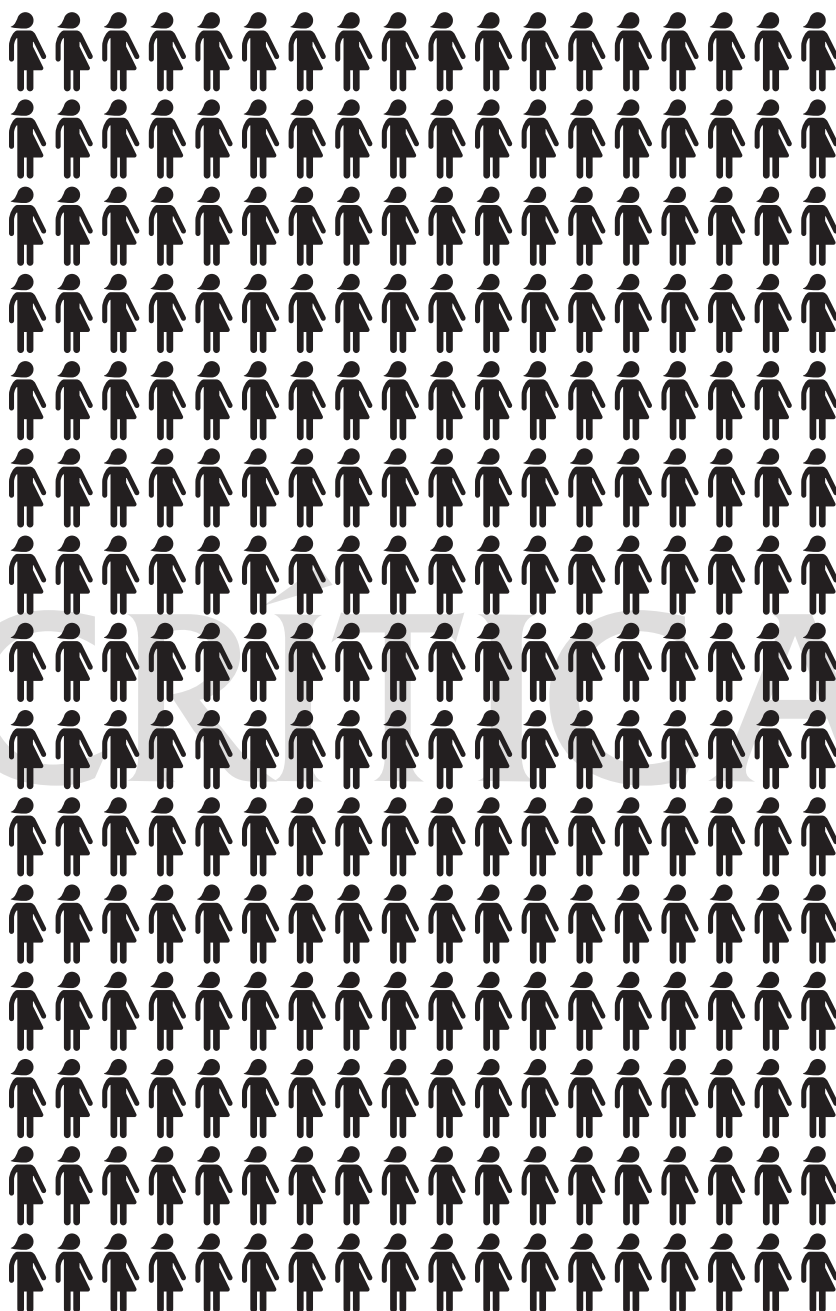
Para entender isso, veja o diagrama a seguir. Cada desenho representa dez bilhões de pessoas. Por enquanto, cerca de cem bilhões de pessoas existiram. As pessoas do passado são representadas por dez figuras. A atual geração consiste em quase oito bilhões de indivíduos, que arredondei para dez bilhões e representei com uma única figura:

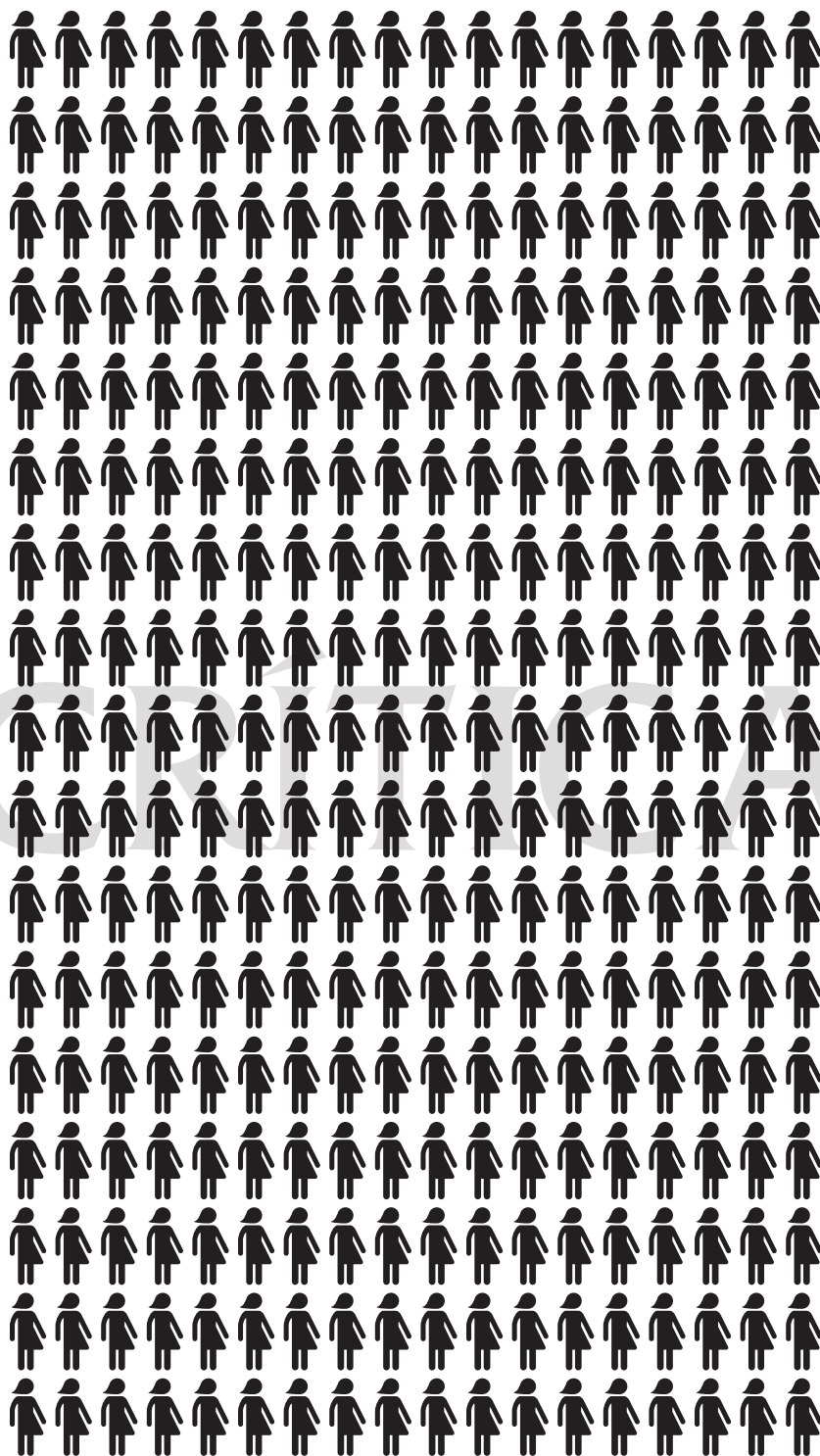


A seguir, faremos uma representação do futuro. Consideremos apenas o cenário no qual mantemos a população atual no mesmo patamar e a vida na Terra por quinhentos milhões de anos. Estas são todas as pessoas futuras:











Representadas visualmente, começamos a entender quantas vidas estão em jogo. Mas reduzi o diagrama. Sua versão completa encheria vinte mil páginas, o equivalente a cinquenta vezes o número de páginas deste livro. Cada figura representaria dez bilhões de vidas, e cada uma dessas vidas poderia ser próspera ou miserável.

Anteriormente, sugeri que a humanidade atual se assemelha a um adolescente imprudente: grande parte da nossa vida ainda está por vir, e decisões capazes de impactar o restante dessa vida são de importância primordial. Mas, na verdade, essa analogia minimiza minha defesa. Um adolescente tem ideia aproximada de quanto tempo viverá. Nós, em contrapartida, não sabemos a expectativa de vida da humanidade. Somos mais parecidos com um adolescente que não sabe se causará por acidente sua própria morte nos próximos meses ou viverá uns mil anos. Caso você estivesse nessa situação, iria pensar seriamente a respeito da longa vida que poderia estar à sua frente ou optaria por ignorá-la?

O imenso tamanho do futuro pode ser estonteante. Em geral, o pensamento “em longo prazo” engloba anos ou, no máximo, décadas. Contudo, mesmo levando em consideração uma baixa estimativa da expectativa de vida da humanidade, seria como se um adolescente acreditasse que pensar em longo prazo significa considerar apenas amanhã, mas não depois de amanhã.

A despeito de quão avassaladores possam ser os pensamentos acerca de nosso futuro, se de fato nos importarmos com os interesses das futuras gerações — se reconhecermos que são pessoas de verdade, capazes de

se sentirem felizes e infelizes como nós –, então é nosso dever considerar como podemos impactar o mundo no qual elas habitarão.

O valor do futuro

O futuro pode ser enorme. Também pode ser muito bom – ou muito ruim.

Para ter uma ideia de como pode ser bom, podemos pensar em alguns progressos realizados pela humanidade ao longo dos últimos séculos. Há duzentos anos, a expectativa média de vida era de menos de trinta anos; hoje, é de 73 anos.¹⁵ No passado, mais de 80% da população mundial vivia em condições de extrema pobreza; hoje, essa porcentagem não chega a 10%.¹⁶ Naquela época, apenas 10% dos adultos sabiam ler; hoje, são mais de 85%.¹⁷

Em termos coletivos, temos o poder de encorajar essas tendências positivas e de mudar o curso das negativas, como os drásticos aumentos das emissões de dióxido de carbono e do número de animais criados em confinamento. Podemos construir um mundo no qual todos vivam como as pessoas mais felizes nos países mais abastados hoje em dia, um mundo onde ninguém viva abaixo da linha da pobreza, onde não falte a ninguém assistência médica adequada e, na medida do possível, onde todos tenham liberdade para viver como bem entenderem.

Mas poderíamos contribuir para um mundo ainda melhor – muitíssimo melhor. O melhor que já vimos até agora ainda é um vislumbre muito pobre do que é possível. Para ter uma ideia disso, considere a vida de um homem rico na Grã-Bretanha em 1700 – um homem com acesso à melhor alimentação, assistência médica e luxos disponíveis na época. Não obstante todas essas vantagens, esse homem tinha grandes chances de morrer de varíola, sífilis ou tifo. Caso precisasse de cirurgia ou sentisse dor de dente, o tratamento seria um tormento e implicaria consideráveis riscos de infecção. Caso morasse em Londres, respiraria um ar dezessete vezes mais poluído que o de hoje.¹⁸ Viajar, mesmo dentro da Grã-Bretanha, poderia levar semanas, e grande parte do globo lhe seria totalmente inacessível. Se ele só imaginasse um futuro no qual a maioria da população fosse tão rica quanto ele,

teria sido incapaz de prever muitas das coisas que melhoram nossa qualidade de vida, como a eletricidade, a anestesia, os antibióticos e as viagens modernas.

Não só a tecnologia melhorou o padrão de vida das pessoas, mas também as mudanças morais. Em 1700, as mulheres não podiam frequentar universidades, e o movimento feminista nem sequer existia.¹⁹ Se aquele britânico abastado fosse homossexual, não poderia amar livremente; a sodomia era punida com pena de morte.²⁰ No final do século XVIII, três de cada quatro pessoas do mundo eram vítimas de alguma forma de trabalho forçado; atualmente, esse número caiu para menos de 1%.²¹ Em 1700, ninguém vivia em uma democracia. Agora, mais da metade da população mundial vive.²²

Seria difícil alguém daquela época prever boa parte do progresso obtido a partir de 1700. E estamos falando de apenas três séculos de distância. Só na Terra, a humanidade poderia viver milhões de séculos. Em tal escala, se ancorarmos nosso sentido de potencial da humanidade em uma versão fixa do nosso mundo atual, corremos o risco de subestimar dramaticamente como pode ser boa nossa vida no futuro.

Considere os melhores momentos de sua vida – momentos de alegria, beleza e energia, como se apaixonar ou atingir um objetivo sonhado há longa data, ou ter um estalo de criatividade. Tais momentos nos propiciam a prova de tudo o que é possível: sabemos que a vida pode ser pelo menos tão boa quanto nessas ocasiões. Mas eles também apontam a direção que nossas vidas devem tomar, rumo a algum lugar aonde ainda devemos chegar. Se meus dias mais felizes podem ser centenas de vezes melhores do que minha vida agradável, mas monótona, talvez os melhores dias das pessoas do futuro possam ser centenas de vezes ainda melhores.

Não estou afirmando a *probabilidade* de um futuro maravilhoso. Etimologicamente, “utopia” significa “lugar nenhum”, e, de fato, o caminho daqui até algum estado ideal de futuro é bastante precário. Mas um futuro maravilhoso também não é uma fantasia. Uma palavra melhor seria “eutopia”, que significa “bom lugar” – algo pelo que lutar. É um futuro que, com paciência e sabedoria suficientes, nossos descendentes poderão realmente construir – se pavimentarmos o caminho para eles.

E, embora o futuro possa ser maravilhoso, também pode ser tenebroso. Para entender isso, pense em algumas tendências negativas do passado e imagine um futuro no qual *elas* são as forças dominantes no comando do mundo. Lembre-se de que a escravidão praticamente desapareceu na França e na Inglaterra no final do século XII, mas, na era colonial, esses mesmos países se tornaram comerciantes de escravos em grande escala.²³ Ou considere que em meados do século XX regimes autoritários emergiram até mesmo de democracias. Ou que usamos avanços científicos para construir armas nucleares e criar animais em confinamento.

Assim como a eutopia é uma possibilidade real, a distopia também é. No futuro, um único regime totalitário pode controlar o mundo, ou a atual qualidade de vida pode não passar da memória longínqua de uma antiga Era de Ouro, ou uma Terceira Guerra Mundial pode levar à completa destruição da civilização. Se o futuro será maravilhoso ou tenebroso, isso depende, em parte, de nós.

Mais que mudanças climáticas

Ainda que você aceite o fato de o futuro ser extenso e importante, talvez seja cético quanto ao nosso poder de afetá-lo positivamente. E eu concordo que é difícil descobrir os efeitos de nossas ações no longo prazo. Há muitas considerações em jogo, e nossa compreensão a tal respeito ainda ensaia os primeiros passos. Meu objetivo ao escrever este livro é estimular outros trabalhos nessa área, e não tirar conclusões definitivas acerca do que deveríamos fazer. Mas, dada a importância do futuro, precisamos ao menos tentar descobrir como conduzi-lo rumo a uma direção positiva. E já há algumas coisas que podemos dizer sobre isso.

Quando examinamos o passado, apesar de não existirem muitos exemplos de pessoas tentando causar impactos no longo prazo propositalmente, vemos que elas existem, e algumas atingiram surpreendentes níveis de sucesso. Os poetas nos oferecem uma fonte. No Soneto 18 de Shakespeare (“Te comparar com um dia de verão?”), o autor constata que, por meio de sua arte, poderá conservar o jovem que ele admira por toda a eternidade:²⁴

Mas teu verão jamais se apagará

.....

Se em versos imortais te perpetuas.

Enquanto alguém respire e veja e viva,

Viva este poema, e nele sobrevivas.²⁵

O Soneto 18 foi escrito na década de 1590, mas ecoa uma tradição que remonta a muito mais tempo.²⁶ No ano 23 a.C., o poeta romano Horácio começou o poema final de suas *Odes* com estas linhas:²⁷

Erigi um monumento mais perene que o bronze, mais alto e régio que a estrutura das pirâmides, um monumento que nem a chuva corrosiva nem a fúria incontrolável do Vento Norte, nem tampouco a série incontável de anos, nem o tempo podem jamais destruir.

Imortal em grande parte, a Deusa da Morte só de um pouco de mim se apossará.²⁸

Essas afirmações parecem bombásticas, para dizer o mínimo. É plausível, contudo, que essas tentativas dos poetas de alcançar a imortalidade tenham obtido êxito. Eles sobreviveram muitas centenas de anos e, na realidade, só florescem com o passar do tempo: mais gente lê Shakespeare atualmente do que em sua época, e é provável que se possa dizer o mesmo de Horácio. E, desde que um membro de cada geração futura deseje arcar com o baixo custo de preservar ou replicar alguma representação desses poemas, eles perdurarão para sempre.

Outros escritores também foram bem-sucedidos em seu propósito de provocar impacto de muito longo prazo. Tucídides escreveu sua *História da Guerra do Peloponeso* no século V a.C.²⁹ Ele é considerado por muitos o primeiro historiador ocidental a tentar descrever os acontecimentos com fidelidade e analisar suas causas.³⁰ Ele acreditava estar descrevendo verdades gerais e escreveu sua história deliberadamente para que esta pudesse exercer influência num futuro distante:

Bastará para mim, contudo, que estas minhas palavras sejam consideradas úteis por aqueles que desejam compreender claramente

os acontecimentos ocorridos no passado e que (sendo a natureza humana o que é) serão, em algum momento ou outro e de maneiras similares, repetidos no futuro. Meu trabalho não é um texto feito para agradar ao gosto de um público imediato, mas foi feito para durar para sempre.³¹

A obra de Tucídides ainda exerce uma enorme influência. É leitura obrigatória nas academias militares de West Point e Annapolis e no Colégio de Guerra Naval dos Estados Unidos.³² O livro de grande sucesso *A caminho da guerra*, escrito pelo cientista político Graham Allison e publicado em 2017, tem como subtítulo *Os Estados Unidos e a China conseguirão escapar da Armadilha de Tucídides?*. Allison analisa as relações entre os Estados Unidos e a China empregando os mesmos parâmetros de Tucídides para analisar as cidades de Esparta e Atenas. Pelo que sei, Tucídides foi a primeira pessoa nos registros da história a ter deliberadamente almejado um impacto no longo prazo e obtido êxito.

Exemplos mais recentes vêm dos Pais Fundadores dos Estados Unidos. A Constituição dos Estados Unidos tem quase 250 anos de idade e, em termos gerais, não sofreu alterações. Sua promulgação foi de enorme relevância no longo prazo, e muitos dos Pais Fundadores tinham plena consciência disso. John Adams, o segundo presidente dos Estados Unidos, comentou: “As instituições agora estabelecidas nos Estados Unidos não sofrerão desgaste completo por milhares de anos. É, portanto, de extrema importância que comecem de forma correta. Se forem estabelecidas da maneira errada, nunca serão capazes de retornar, exceto por acidente, ao caminho certo”.³³

De modo similar, Benjamin Franklin tinha tamanha reputação por acreditar na saúde e longevidade dos Estados Unidos que, em 1784, um matemático francês escreveu uma sátira simpática a respeito dele, sugerindo que, se as crenças de Franklin fossem sinceras, ele deveria investir em um fundo para financiar projetos sociais séculos depois, obtendo os benefícios dos juros compostos ao longo do período.³⁴ Franklin considerou a ideia ótima e, em 1790, investiu £ 1.000 (aproximadamente US\$ 135 mil hoje) na cidade de Boston e outras mil na Filadélfia: três quartos dos fundos seriam pagos cem anos depois, e o restante dentro

de duzentos anos. Em 1990, quando os fundos finais foram distribuídos, a doação aumentara para quase US\$ 5 milhões em Boston e US\$ 2,3 milhões na Filadélfia.³⁵

Quanto aos Pais Fundadores, eles mesmos foram influenciados por ideias desenvolvidas quase dois mil anos antes. Seus pontos de vista relativos à separação dos poderes foram antecipados por Locke e Montesquieu, que se apoiaram na análise de Políbio da governança romana a partir do século II a.C.³⁶ Também sabemos que muitos dos Pais Fundadores tinham familiaridade com a obra de Políbio.³⁷

Nós do presente não precisamos ser tão influentes quanto Tucídides ou Franklin para impactar previsivelmente o futuro de longo prazo. Na verdade, fazemos isso o tempo todo. Nós dirigimos automóveis. Voamos de avião. Por conseguinte, emitimos gases de efeito estufa com efeitos muito duradouros. Os processos naturais só devolverão as concentrações de dióxido de carbono aos patamares da era pré-industrial após centenas de milhares de anos.³⁸ Essas são escalas de tempo normalmente associadas ao lixo nuclear radioativo.³⁹ No entanto, com a energia nuclear, nós cuidadosamente armazenamos e planejamos enterrar os resíduos; com os combustíveis fósseis, nós os lançamos no ar.⁴⁰

Em alguns casos, os impactos geofísicos desse aquecimento se intensificam ao longo do tempo, em vez de “desaparecerem”.⁴¹ O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês) prevê que no cenário de emissões médias e baixas, agora considerado pela maioria como o mais provável, o nível do mar aumentaria cerca de 0,75 metro até o final do século.⁴² Mas continuaria a subir até muito depois de 2100. Em dez mil anos, o nível do mar seria de dez a vinte metros mais elevado que hoje.⁴³ Grande parte das cidades de Hanói, Xangai, Calcutá, Tóquio e Nova York ficaria abaixo do nível do mar.⁴⁴

A mudança climática mostra como as ações tomadas hoje podem trazer consequências no longo prazo, mas também ressalta que ações orientadas para o longo prazo não necessitam ignorar os interesses da população de hoje. Podemos, a um só tempo, promover mudanças positivas para o futuro e melhorar o presente.

Passar a usar energia limpa traz enormes benefícios para a saúde humana atual. Queimar combustíveis fósseis polui o ar com pequenas

MORTES POR TERAWATT-HORA DE PRODUÇÃO DE ENERGIA

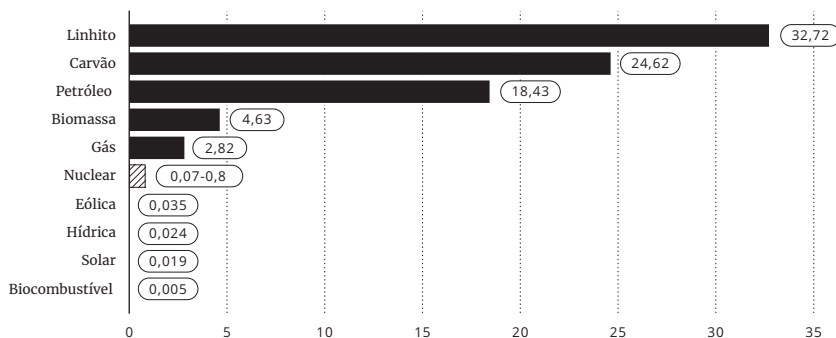


Figura 1.4. Mortes por terawatt-hora de energia produzida por várias fontes de energia; inclui tanto mortes por acidentes quanto pela poluição do ar, mas não por contribuições para a mudança climática. O montante da energia nuclear inclui os acidentes em Chernobil e Fukushima; o intervalo exibido é resultado de diferentes estimativas dos efeitos da exposição à baixa radiação no longo prazo. Para mais detalhes, ver o site whatweowethefuture.com/notes. As estimativas para outras fontes de energia se baseiam em dados da Europa.

partículas que provocam câncer no pulmão, doenças cardíacas e infecções respiratórias.⁴⁵ Resultado: a cada ano, ocorrem cerca de 3,6 milhões de mortes prematuras.⁴⁶ Mesmo na União Europeia que, em termos globais, é comparativamente não poluída, a poluição do ar provocada pelos combustíveis fósseis custa ao cidadão médio um ano inteiro de vida.⁴⁷

A descarbonização – ou seja, a substituição dos combustíveis fósseis por fontes de energia mais limpas – traz, portanto, mais benefícios imediatos à saúde além dos ligados ao clima no longo prazo. Quando se considera a poluição do ar, a rápida descarbonização da economia mundial já se justifica só pelos benefícios à saúde.⁴⁸

A descarbonização é, portanto, um processo ganha-ganha, pois melhora a vida tanto no longo quanto no curto prazo. Na verdade, promover a inovação em energia limpa – tais como a solar, a eólica, a nuclear de última geração e o uso de combustíveis alternativos – é uma vitória em outras frentes também. Ao baratear a energia, a inovação da energia limpa melhora a qualidade de vida em países pobres. Ao ajudar a manter os combustíveis fósseis no solo, evita o risco de um colapso sem retorno,

a ser discutido no Capítulo 6. Ao promover o progresso tecnológico, a energia limpa reduz o risco da estagnação de longo prazo, a ser discutida no Capítulo 7. Uma relação ganha-ganha-ganha-ganha-ganha.

A descarbonização é uma prova de conceito de longotermismo. A inovação em energia limpa é tão robustamente boa, e ainda há tanto a fazer nessa área, que eu a vejo como um parâmetro longotermista contra o qual outras ações potenciais podem ser comparadas. Ela estabelece um alto padrão.

Mas não é a única forma de afetar o resultado no longo prazo. O restante deste livro tenta oferecer um tratamento sistemático das formas pelas quais podemos influenciar positivamente o futuro no longo prazo, sugerindo que a mudança moral, a ascensão da inteligência artificial conduzida com sabedoria, a prevenção de pandemias criadas em laboratório e da estagnação tecnológica são todas ao menos igualmente importantes e, em geral, radicalmente mais negligenciadas.

Nosso momento na história

A ideia de que podemos influenciar o futuro no longo prazo e de que tanta coisa pode estar em jogo talvez soe muito extravagante para ser verdadeira. A princípio, era essa a minha impressão.⁴⁹

No entanto, acho que a extravagância do longotermismo não se origina das premissas morais que o sustentam, mas sim do fato de que vivemos em tempos muito insólitos.⁵⁰

Vivemos numa era que registra uma quantidade extraordinária de mudanças. Considere a taxa de crescimento econômico global, que, em décadas recentes, chegava em média a uns 3% ao ano.⁵¹ Tal taxa não tem precedentes na história. Pelos primeiros 290 mil anos da existência da humanidade, o crescimento global foi próximo a 0% ao ano; na era agrícola, esse crescimento subiu para cerca de 0,1%, acelerando, a partir daí, depois da Revolução Industrial. Foi só nos últimos cem anos que a economia mundial cresceu a uma taxa superior a 2% ao ano. Explicando de outra maneira: a partir de 10000 a.C., foram necessárias muitas centenas de anos para a economia mundial dobrar de tamanho. No entanto, da última vez que isso aconteceu foram necessários só dezenove

anos.⁵² E não são só as taxas de crescimento econômico que são atípicas em termos históricos, mas as taxas do uso de energia, as emissões de dióxido de carbono, a mudança do uso da terra, os avanços científicos, e, possivelmente, a mudança moral.⁵³

Então sabemos que, se comparada ao passado, a era atual é atípica ao extremo. Mas também é atípica se comparada ao futuro. Essa rápida taxa de mudança não pode continuar para sempre, mesmo se conseguirmos dissociar completamente o crescimento das emissões de carbono e mesmo que, no futuro, nos espalhemos pelas estrelas. Para entender isso, suponha que o crescimento futuro sofra certa desaceleração e chegue a apenas 2% ao ano.⁵⁴ A essa taxa, em dez mil anos a economia mundial seria 10^{86} vezes maior do que hoje – isto é, produziríamos cem trilhões de trilhões de trilhões de trilhões de trilhões de trilhões de vezes mais do que nossa produção atual. Mas há menos de 10^{67} átomos a até dez mil anos-luz da Terra.⁵⁵ Portanto, se as atuais taxas de crescimento continuassem por apenas mais dez milênios, teria de haver dez milhões de trilhões de vezes tanta produção quanto nosso mundo atual produz para *cada átomo* que pudéssemos, em princípio, acessar. Apesar de evidentemente não o podermos afirmar com certeza, isso não parece, em absoluto, possível.⁵⁶

PIB MUNDIAL AO LONGO DOS DOIS ÚLTIMOS MILÊNIOS

Em trilhões com base no US\$ internacional de 2011 (OWID baseado no Banco Mundial & Maddison (2017))

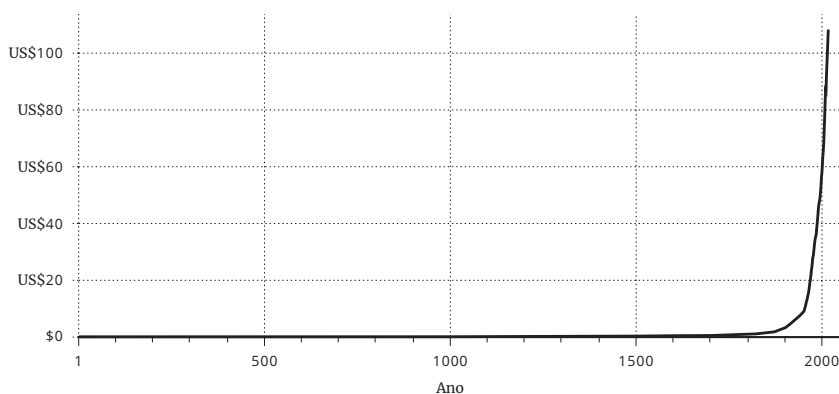


Figura 1.5. Resultado econômico mundial desde o ano 1 d.C.

A humanidade ainda pode durar milhões ou bilhões de anos. Mas a taxa de mudança do mundo moderno só pode continuar por milhares de anos. O que isso quer dizer é que estamos vivendo um extraordinário capítulo da história da humanidade. Em comparação tanto ao passado quanto ao futuro, a cada década vivida presenciamos um número extraordinário de mudanças econômicas e tecnológicas. E algumas dessas mudanças – como a invenção da energia de combustível fóssil, das armas nucleares, dos patógenos produzidos em laboratórios e da inteligência artificial avançada – trazem em si o potencial de impactar toda a trajetória do futuro.

Não é só a rápida taxa de mudança que torna nossa época extraordinária. Também estamos extraordinariamente conectados.⁵⁷ Por mais de cinquenta mil anos, vivemos divididos em grupos distintos; simplesmente não havia como as pessoas atravessarem a África, a Europa, a Ásia ou a Austrália para se comunicarem entre si.⁵⁸ Entre os anos 100 a.C. e 150 d.C., embora o Império Romano e a dinastia Han englobassem cada um 30% da população mundial, eles mal sabiam da existência um do outro.⁵⁹ Mesmo dentro de um mesmo império, a capacidade de uma pessoa de se comunicar com alguém que estivesse longe era bastante limitada.

No futuro, se nos espalharmos pelas estrelas, voltaremos a ficar separados. A galáxia se assemelha a um arquipélago, com vastas extensões de vazio pontilhadas por minúsculas pitadas de calor. Se a Via Láctea fosse do tamanho da Terra, nosso sistema solar teria dez centímetros de diâmetro e centenas de metros nos separariam de nossos vizinhos. Entre uma extremidade da galáxia e outra, na melhor das hipóteses, a comunicação demoraria cem mil anos; mesmo entre nós e nosso vizinho mais próximo, a comunicação levaria quase nove anos para ir e voltar.⁶⁰

Na verdade, se a humanidade se espalhar demais e sobreviver por tempo demais, acabará se tornando impossível para uma parcela da civilização se comunicar com outra. O universo é composto de milhões de grupos de galáxias.⁶¹ A nossa é chamada, simplesmente, de Grupo Local. As galáxias que compõem cada grupo ficam tão próximas umas das outras que a gravidade as une para sempre.⁶² Mas, como o universo está em expansão, os grupos de galáxias acabarão sendo separados uns dos outros. Daqui a mais de 150 bilhões de anos no futuro, nem mesmo a luz será capaz de viajar de um grupo de galáxias para outro.⁶³

O fato de nossa época ser tão incomum nos fornece uma oportunidade descomunal de fazer a diferença. Poucas pessoas que já viveram terão tanto poder para influenciar o futuro de forma positiva quanto nós. Essa rápida mudança tecnológica, social e ambiental significa que temos mais oportunidades para influenciar quando e como as mais importantes dessas mudanças ocorrerão, inclusive por manejarmos tecnologias que poderiam cristalizar valores negativos ou prejudicar nossa sobrevivência. A atual unificação da civilização significa que pequenos grupos têm o poder de influenciar todo o conjunto. Novas ideias não ficam confinadas a um único continente e podem se espalhar pelo mundo em minutos, e não mais em séculos.

O fato de essas mudanças serem tão recentes significa, além do mais, que não estamos em equilíbrio: a sociedade ainda não se estabilizou, e somos capazes de influenciar *em qual* estado estável terminaremos. Imagine uma bola gigante rolando a toda a velocidade por uma paisagem acidentada. Com o tempo, ela vai perder impulso e vai desacelerar, acomodando-se no fundo de algum vale ou abismo. A civilização é como essa bola: enquanto ainda estiver em movimento, um leve empurrão pode afetar em que direção rolamos e aonde vamos parar.